

A RELIGIÃO DO TAMANHO DO MUNDO**Jean Marcel Carvalho FRANÇA***

Resumo: O presente ensaio aborda a literatura de viagem sobre o Brasil, escrita ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, com o intuito de extrair, daí, uma pequena amostra da imagem que os europeus construíram de um dos traços que, aos seus olhos, mais se destacavam na população local: a religiosidade desmedida e festiva. Trata-se, pois, de uma tentativa muito limitada de mapear uma pequena parte das “verdades” sobre o Brasil e suas gentes que o habitante do Velho Mundo construiu e partilhou ao longo dos séculos, verdades que, em larga medida, guiaram as suas ações nesta parte do globo.

Palavras-chave: Religiosidade. Viajantes. Imagens do Brasil. Costumes na América Portuguesa.

WORLD-SIZED RELIGION

Abstract: This essay focuses on travel literature, about Brazil, written during the 16th, 17th and 18th centuries in order to extract examples of the image that Europeans had constructed, of one of the features that, in their eyes, stood out most among the local population: rampant and festive religiosity. It is therefore a very limited attempt to map a small part of these “truths” about Brazil and its people, which the inhabitants of the Old World built and shared over the centuries; “truths” that largely guided their actions in this part of the globe.

Keywords: Religiosity. Travelers. Images of Brazil. Customs in Portuguese America.

O bom e velho Pero Vaz de Caminha, homem sério, ainda que dotado de pouca cultura e quase nenhuma imaginação, disse, na sua renomada carta, que os seres com “bons rostos e bons narizes” que por aqui viviam demonstravam um pendor todo especial para crer em algo, daí a predisposição de espírito que teriam para receber o deus verdadeiro, o deus cristão. Dizia o singelo escrivão que, segundo a sua humilde opinião, “outra coisa não falecia a essa gente, para ser toda cristã”, do que entenderem a língua dos portugueses (AMADO; FIGUEIREDO, 2001, p.113).

*Professor Doutor – Departamento de História Social, Política e Econômica e do Programa de Pós-graduação em História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social de Franca - UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca - Av. Eufrásia Monteiro Petrágliã, 900, CEP: 14409-160, Franca, SP, Brasil. E-mail: jsfranca@uol.com.br

As décadas e séculos vindouros não deram lá muita razão ao célebre Caminha. A bem da verdade, quando se leva em conta a desilusão dos missionários que por aqui aportaram – as queixosas cartas dos padres da Companhia de Jesus, salientando o quão pouco a pregação missionária *entrava nos corações e nas mentes dos nativos*, são exemplares neste sentido¹ –, pode-se mesmo dizer que Caminha errou, redondamente, no que tange aos nativos, mas somente no que tange aos nativos, pois, como numa espécie de vaticínio, acertou, ao menos em parte, no tocante aos colonos dos trópicos, criaturas que, desde cedo, mostraram grande pendor para crerem, barulhenta e festivamente, em qualquer coisa.

Os jesuítas, de novo eles, talvez tenham sido os primeiros a perceber, não sem uma pitada de revolta, tal *inclinação* do colono e, conseqüentemente, o caráter *ardente* mas *degenerado* que a religião católica vinha tomando nestas terras quentes – religião que, de cristã, segundo os bons padres, conservava somente um detalhe aqui e outro acolá. Todavia, a desaprovação da Companhia, ou das muitas outras ordens que se instalaram no Brasil – ordens que cedo deixaram de lado a enfadonha e inglória missão de converter os gentios e passaram a se dedicar aos fiéis que estavam mais à mão (brancos, negros e mestiços) –, de pouco serviu para deter o avanço e a consolidação desse cristianismo devoto, porém, de contornos próprios. Ao contrário, pelo que tudo indica, tanto o clero secular como o regular trataram rapidamente de, com mais ou menos reclamações, ajustar as suas crenças, princípios e exigências aos gostos locais.

Desenvolvemos, então, com a benção dos representantes tortos de Roma – lembremos que a igreja no Brasil era mantida e regida pela coroa lusitana (o padroado)² – e com a devoção de que somos capazes, um cristianismo de *cor local* – para lançarmos mão de um anacronismo caro ao século XIX –, festivo, sensualista, eclético, antipático à introspecção e moralmente pouco exigente, um cristianismo singular que, cedo, muito cedo, causou espanto aos cristãos e ímpios de além-mar que o conheceram.

De fato, desde o ocaso do século XVI – quando o mundo que os colonos brancos, os negros e os mestiços estavam criando nos trópicos começou a marcar presença nas narrativas de viagem³ –, a intensa e festiva religiosidade da sociedade local suscitou inúmeros comentários dos visitantes estrangeiros. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, tal tendência se consolidou, e católicos, protestantes, livres-pensadores, em suma, a quase totalidade dos europeus que transitou pelas cidades portuárias brasileiras – as únicas a que podiam ter acesso entre o último quartel dos quinhentos e 1808, quando os portos locais foram franqueados às tais “nações amigas” – não deixou de descrevê-las como cidades demasiado *carolas*: cidades papistas ao extremo, diziam os protestantes; marcadas por um cristianismo obscuro, complementavam os livres-pensadores; impregnadas de um catolicismo falso e moralmente inconsequente, corrigiam os católicos.

Neste Brasil, que começou a ser construído nas narrativas de viagem a partir do ocaso do século XVI, os índices deste catolicismo absorvente e intenso, mas excessivamente descaracterizado, quase pagão, estavam um pouco por todos os lados. Já em 1610, de passagem por Salvador, o comerciante e aventureiro francês François Pirard de Laval, um dos primeiros viajantes a oferecer aos europeus uma descrição detalhada de uma cidade portuguesa dos trópicos – seu livro, publicado em 1612, foi muito bem acolhido pelo público leitor do período – comentou:

A cidade é bem construída e circundada por muralhas. É sede de um bispado e conta com um colégio de jesuítas – além das residências que os padres mantêm no campo –, um monastério de franciscanos, um de beneditinos e um dedicado a Nossa Senhora do Carmo, todos contando com igrejas bonitas e bem construídas. Dia após dia, mais e mais pessoas são convertidas ao cristianismo por aqui, porém, quando batizados, são menos persistentes na fé do que os índios orientais, mantendo-se sempre inconstantes e selvagens. (FRANÇA, 2011)

Laval, de certo modo, inaugurou uma tradição que cedo ganhou corpo nas narrativas de viagem, tornando-se um “lugar comum”, um tópico dos relatos com menções ao Brasil, e não somente daqueles escritos por franceses. Evidenciando a persistência do modelo, pouco menos de um século depois da visita de Laval, em 1699, o renomado pirata e escritor inglês William Dampier, impressionado com o quanto as igrejas e conventos marcavam a paisagem urbana da mesma Salvador, registrou em seu diário:

Há na cidade 13 igrejas, capelas, hospitais, conventos e ao menos uma residência de freiras. Em primeiro lugar, há a Catedral e o colégio dos Jesuítas, que são os principais edifícios da cidade e podem ser vistos do porto; depois há as igrejas paroquiais de santo Antônio e de santa Bárbara, a igreja dos franciscanos e dos dominicanos, 2 conventos de carmelitas, a capela dos homens do mar – próxima a uma praia, onde os barcos podem chegar facilmente e os marujos passarem rapidamente às orações – e uma outra, na mesma rua, próximo à praia, para a gente pobre; há, ainda, uma capela para os soldados, nas imediações da cidade, distante do mar, e um hospital no centro da cidade. O convento de freiras situa-se fora da cidade, nas imediações da mata, onde, segundo me disseram, residem 70 freiras. (FRANÇA, 2011)

Pouco antes dele, em 1696, não havia escapado ao jovem engenheiro François Froger, numa passagem rápida também por Salvador, a prodigiosa quantidade de prédios religiosos que dominavam a cidade e, sobretudo, a riqueza e a influência que tinham aí certas ordens religiosas, especialmente a Companhia de Jesus. O mesmo Froger, notara coisa semelhante no Rio de Janeiro, onde aportou em novembro de 1695. Aí, no entanto, o pudico engenheiro, escandalizado com a conduta dos religiosos que em tão grosso volume marcavam presença na cidade com suas igrejas, capelas, conventos e colégios, comentou:

O excesso é tão comum entre eles que, não somente os burgueses, mas também os religiosos, podem manter relações com mulheres públicas sem temerem ser alvos da censura e da maledicência do povo. A impureza não é a única falta comum a esses monges ímpios. Eles vivem na mais absoluta ignorância e pouquíssimos sabem latim. Temo que eles nos façam assistir, em breve, ao incêndio de uma nova Sodoma. Por todo o Brasil, podem ser encontradas legiões de franciscanos, carmelitas e beneditinos. São poucos, contudo, os religiosos que se ocupam da conversão dos pobres índios, índios que não pedem mais do que serem instruídos à luz do Evangelho. (FRANÇA, 2008, p.64)

Antes de Froger espantar-se com a conduta pouco honrosa dos religiosos locais – justo eles, que tanto controle e influência tinham sobre a sociedade local, segundo observou o próprio engenheiro –, Michael Ângelo Guattini e Dionigi de Carli, dois capuchinhos italianos que arribaram no Recife, em 1666, à espera de uma “carona” para a missão que seus confrades dirigiam no Congo, também se espantaram por encontrar, numa colônia tão erma, tantos prédios religiosos de qualidade e, sobretudo, uma devoção aparentemente entusiasmada, traduzida em festividades religiosas ricas e exuberantes:

Durante o tempo que ficamos em Pernambuco, presenciamos uma festa solene do Rosário, celebrada na grande igreja denominada Corpo Santo. A cerimônia foi magnífica; a igreja estava toda enfeitada com mil álamos de tecido de seda cor de fogo e de outros tecidos valiosos. O tabernáculo, muito distinto, estava coberto por um tecido de seda com umas chamas bordadas em ouro e com uma franja de prata que ofuscava a vista. A cerimônia foi acompanhada por uma música de harpas, violinos e trompas, que entoavam os cânticos sagrados. Os religiosos não têm grande despesa com a festa, já que há sempre um rico comerciante da cidade que se sente honrado em abrir liberalmente a sua bolsa em tais ocasiões. Aquele que patrocinou a festa deste ano confessou-nos, no dia seguinte, que tinha gasto somente na fogueira, na noite precedente, cerca de 4 mil ducados [...]. (FRANÇA, 2011)

Nem mesmo as cidades pequenas, vilarejos espalhados pela costa, escaparam de comentários do mesmo gênero, isto é, de comentários sobre o quão presente, concreta e simbolicamente era o cristianismo “papista” nas cidades portuguesas dos trópicos. Em 1708, Wood Rogers, a caminho dos mares do Sul, deixou, no seu renomado diário de navegação, o seguinte registro sobre uma festividade religiosa que assistira, a convite do governador local, na singela e, segundo o mesmo Rogers, paupérrima Angra dos Reis:

Era o dia da concepção da Virgem Maria e a população da cidade organizou uma grande procissão. O governador, o senhor Rafael da Silva Lagos, recebeu-nos com muita simpatia e perguntou-nos se tínhamos ido à procissão e ao convento. Explicamos a ele que a nossa religião era muito diferente da dele, e respondeu que éramos bem vindos para assistir à cerimônia e não precisávamos participar dela. [...] Terminada a cerimônia,

nossos músicos, que já estavam bastante embriagados, marcharam à frente da companhia, seguidos de perto por um velho padre e por 2 frades, que carregavam os incensários com as hostes. Em seguida, sobre um ataúde todo ornado com flores e velas de cera, carregado nos ombros por 4 homens, vinha a imagem da Virgem Maria. Depois seguiam o padre guardião do convento franciscano e cerca de 40 religiosos, entre padres e frades. O governador da cidade, eu e o capitão Courtney vínhamos atrás deles com uma grande vela acesa na mão. O restante dos oficiais, os principais da cidade e os noviços caminhavam logo atrás, todos carregando também uma longa vela de cera acesa. [...] Vale destacar que, durante a procissão, os portugueses se punham de joelhos a cada encruzilhada e, ao caminharem em torno do convento, entravam por uma porta lateral, ajoelhavam-se e pagavam sua devoção a uma imagem da Virgem, iluminada por velas. (FRANÇA, 2011)

Um pouco mais tarde, em 1721, Karl Behrens, o alemão que seguia na frota capitaneada pelo circunavegador Jacob Roggeveen, arribou em São Sebastião e reportou que a vila era tão pobre que as casas tinham sido construídas “à maneira dos índios”, mas reportou também que, malgrado tamanha pobreza, “os habitantes ergueram uma igreja muito bonita [na cidade e que], do lado sul, havia um convento da ordem de São Francisco, no qual residiam cerca de 30 religiosos” (FRANÇA, 2011).

Retornando às cidades mais portentosas – Rio de Janeiro, Salvador e Recife, nomeadamente –, ao longo do século XVIII, à medida que estas urbes cresciam e, dentro do possível, ganhavam em magnificência, como se dizia na época, as descrições que apontam para uma maciça presença da religião e dos religiosos na vida arquitetônica e social das cidades coloniais brasileiras ganham mais volume e detalhes; ganham, também, um tom severamente crítico, indicando o persistente e crescente estranhamento dos visitantes em relação ao catolicismo arrebatador, mas supostamente pouco constritivo, leviano e orientado por um clero devasso, que se praticava nos domínios portugueses dos trópicos. Logo no início do denominado Século das Luzes, Chancel de Lagrange, um militar que participou da invasão do Rio de Janeiro, em 1711, na companhia do célebre corsário Duguay-Trouin, embora não tenha presenciado nenhum culto ou festa religiosa na cidade – as circunstâncias obviamente não se prestavam para tal – e estivesse impossibilitado de avaliar como se praticava aí o cristianismo, julgou prudente, no seu diário de campanha, registrar para o seu leitor o quão bem atendidos estavam os cariocas em matéria de serviços religiosos:

No tocante às igrejas, quatro delas disputam em beleza e magnificência com todas aquelas da Europa: a dos Beneditinos, a dos Jesuítas, a do Convento de Santo Antônio, ou dos Recoletos, e a dos Carmelitas. Essas casas religiosas contam com excelentes dependências e dispõem de capelas ornadas com ouro, lazurita, mármore e delicadas pinturas; ao todo, elas abrigam cerca de 300 religiosos. As três primeiras estão situadas sobre três montanhas que comandam a cidade e a dos Carmelitas, encontra-se no meio da rua dos Mercadores. Essa, embora muita rica, perde em beleza

para aquelas. O Bispado, chamado de Conceição ou Convento dos Capuchinhos, acha-se sobre uma elevação. O edifício, rodeado por laranjeiras e limoeiros, é digno de nota. A Catedral localiza-se um pouco distante da cidade, próximo dos Jesuítas. A arquitetura desse edifício merece a atenção dos curiosos. Na encosta do morro que abriga a igreja dos Jesuítas encontra-se o Hospital da Misericórdia, onde muitos franceses foram inumados. A renda dessa casa, diz-se, alcança 40.000 cruzados, ou seja, 80.000 libras. A cidade conta ainda com quatro igrejas paroquiais – São Diogo, Nossa Senhora da Candelária, São José e Rosário, a última dispõe de uma bela capela para os soldados – e com cerca de 2.500 fogos, distribuídos em ruas largas e, na sua maioria, retas. (FRANÇA, 2000, p.142-143).

Menos envolvido com os graves problemas bélicos que assolavam o cotidiano do carioca, o pastor alemão Jonas Finck, pego de surpresa pela esquadra invasora francesa quando seu navio (de bandeira inglesa), que rumava para as Índias Orientais, reabastecia no Rio de Janeiro, observou, tal como Lagrange, que os serviços religiosos disponíveis para a população eram muitos e variados e que as festividades religiosas eram abundantes. Finck, no entanto, teve tempo e meios de notar também que, tanto o clero quanto os fiéis, eram de péssima qualidade, uma verdadeira ofensa à religião que diziam representar e praticar:

Não posso falar do estado da religião nessa parte do mundo, sem sentir um pouco de compaixão por esse povo perdido na escuridão e mergulhado na ignorância. O clero é tão inculto que, entre dez desses homens de Deus, é com dificuldade que se encontra um capaz de ler o Missal em latim. Ainda que admitamos que os religiosos possam ser bons e prestáveis sem saber latim, julgo que o conhecimento de tal língua em muito os ajudaria a ter acesso à sabedoria contida na Divina Escritura. O povo, em geral, está engolfado na devassidão e tem como única preocupação encontrar ouro e prata. Os jesuítas mantêm um colégio na cidade, instalado num prédio bastante imponente. Tive oportunidade de conversar diversas vezes com esses religiosos. Eles habitualmente separavam um dos membros da ordem, em geral o mais graduado na língua latina, para funcionar como porta-voz, enquanto os outros apenas escutavam. (FRANÇA, 2008, p.88).

O visitante francês Le Gentil La Barbinais, que andou um par de meses por Salvador, lá pelos idos de 1717, ou seja, menos de uma década depois de seu conterrâneo ter saqueado a cidade do Rio de Janeiro e o pastor Finck ter se escandalizado com o despreparo do clero carioca, foi ainda mais contundente ao se referir aos pastores de almas e às almas a serem pastoreadas na Bahia de Todos os Santos. Ouçamo-lo:

É espantoso que se cometam tantos abusos na colônia, mas tudo aqui é difícil de ser remediado. Se um viajante resolve, por exemplo, falar do desregramento dos religiosos e daqueles que são responsáveis pela condução das almas, se resolve pôr em evidência os seus crimes, em suma, se resolve dizer que em toda a América os pastores são uns hipócritas que, sob uma aparência grave e composta, ocultam um coração

aberto às paixões mais indecorosas, este viajante será acusado de imprudência. [...]. O espírito da religião cristã está aniquilado nestas colônias: a piedade é somente exterior, a ignorância e a presunção reinam soberanas, e a moral de Jesus Cristo foi tão desfigurada que é impossível reconhecê-la em qualquer princípio que defendem. (FRANÇA, 2011).

Opinião muito próxima à sua teve o renomado astrônomo La Caille, que, em visita ao Rio de Janeiro, no ano de 1751, perambulou pelas igrejas, descrevendo-as como belas, ricamente decoradas, mas baixas e escuras, e pelas ruas da cidade, nas quais observou que “em quase todas as esquinas [se podia] encontrar um pequeno nicho onde era colocada uma imagem da Santa Virgem, imagem que permanecia iluminada por uma lanterna durante toda a noite”. Depois de umas tantas perambulações, La Caille, acerca dos fiéis, disparou:

Quase não há sociedade nesta urbe, o que não impede que o desregramento de costumes encontre aí campo fértil. Desregramento de que não escapam nem os membros do clero nem os frades, estes últimos admitidos pelas Ordens sem nenhum critério. Há um tipo de penitente laico que sai durante a noite pelas ruas carregando uma pesada cruz e arrastando uma grossa corrente muito barulhenta. A conduta desses penitentes é tão escandalosa durante o dia quanto edificante durante a noite. Meu sono foi freqüentemente interrompido pelo barulho das suas correntes e pelos seus gritos implorando misericórdia. (FRANÇA, 2008, p.130, 133).

A religião dos colonos dos trópicos portugueses – daqueles colonos habitantes das narrativas de viagem dos séculos XVII e XVIII, não esqueçamos – era, a bem da verdade, uma religião festiva, sensualista, pouco dada à contrição moral, e muito afeita aos espetáculos públicos de fé. Muito afeita, por exemplo, às procissões realizadas em grande profusão e com “brilhantismo”, como relata o pastor alemão Friedrich Langstedt, que visitou o Rio de Janeiro em 1782 (FRANÇA, 2008, p. 230). Até o inglês George Staunton, exasperado com as tantas e tão ruidosas manifestações de fé que presenciou durante sua passagem pela cidade em 1792, comentou:

A qualquer hora do dia, os sinos anunciam uma solenidade a celebrar numa das muitas igrejas locais e, após o pôr do sol, as ruas estão sempre cheias de procissões. Em cada esquina vê-se, dentro de um nicho envidraçado, uma imagem da Virgem Maria, imagem que sempre recebe uma homenagem dos transeuntes. (FRANÇA, 2008, p.274).

O seu companheiro de viagem, John Barrow, ainda é mais ácido e detalhista:

Durante a nossa estada no Rio, poucos foram os dias em que não vimos alguma pompa fúnebre, acompanhada por padres com archotes na mão, que cantavam, ao longo das ruas, um lúgubre ofício fúnebre. Igualmente, poucas foram as tardes em que não presenciemos a estátua de algum santo

do calendário ou da Virgem – essa última encerrada em pequenos oratórios instalados nas esquinas – ser levada pelas ruas da cidade em procissão, com acompanhamento de padres, soldados em armas e música. [...] Apesar de ver essas festas religiosas quase que diariamente, o povo não parece cansar-se delas. Quando os sinos tocam, todos os homens que se encontram na rua tiram os seus chapéus, atitude que se repete cada vez que passam diante dos pequenos oratórios onde estão colocadas as imagens da Virgem. Além disso, quando os foguetes e petardos estouram, os olhos voltam-se naturalmente para as montanhas que abrigam as igrejas e os mosteiros. (FRANÇA, 2008, p.307).

As procissões, a propósito, geralmente vinham seguidas ou precedidas de um ambiente festivo, eram dias de enfeites nas ruas e nas janelas das casas, fogueiras, visitação às igrejas, comes e bebes, foguetes, artistas ambulantes, mendigos vendendo relíquias santas, em suma, eram dias de “lufa-lufa” nas, usualmente, pacatas e vazias cidades coloniais brasileiras, ao menos naquelas pintadas na literatura de viagem. O médico inglês John White, a caminho da Nova Gales do Sul (futura Austrália), deparou com um desses dias em setembro de 1787. Escutemos o doutor:

No dia quinze, iniciamos contatos mais diretos com a população local. Por volta das doze horas da manhã, vimos um grande número de habitantes, vestidos com seus mais belos trajes, sair do Rio de Janeiro e tomar a estrada que conduz à igreja de Nossa Senhora da Glória, situada numa elevação próxima ao mar, distante uma milha da cidade. Pessoas de todas as classes, umas em carruagens, outras a cavalo e outras a pé, juntavam-se à multidão. Não consegui, contudo, saber qual a razão de tal ajuntamento nem a origem desta cerimônia. A Igreja da Glória, de ordinário mais limpa do que rica, estava neste dia brilhantemente iluminada e decorada com flores dispostas harmoniosamente. Observei que o povo passava algum tempo nesta igreja e aí recitava certas preces antes de retornar à cidade. Esta festa durou todo o dia, no entanto, as pessoas de distinção só se integraram aos festejos depois do meio-dia. Ao cair da tarde, quando retornava para a cidade, observei que um numeroso grupo de homens, mulheres e crianças entrava numa igreja ricamente decorada, situada numa rua afastada. Por curiosidade, resolvi juntar-me a eles. Mas tudo o que ganhei com essa atitude, após ter sido empurrado e ter feito infinitos esforços para sair do meio daquele aperto, foi ver os que tinham entrado ajoelharem-se e orarem com aparente fervor. Em um dos lados da igreja, encontrava-se um homem coberto de farrapos, vendendo à multidão alguns rosários bentos. Ao sair, encontrei à porta outro desses vendedores. Confesso que não pude deixar de rir e de os comparar àqueles charlatões que, do alto de um cavalete, oferecem suas drogas aos passantes. Vi ainda, na rua, um número considerável desses piedosos mercadores e acabei por comprar, de um deles, alguns dos tais rosários. (FRANÇA, 2008, p.245).

Quase uma década mais tarde, em 1796, o navegador e missionário protestante James Wilson, também em visita ao Rio de Janeiro, oferece mais algumas informações acerca da azáfama religiosa em que viviam imersas as cidades brasileiras:

A cidade, em se tratando de festas religiosas, parece superar qualquer outra localidade católica. Em quase todas as esquinas, há uma espécie de nicho, semelhante a um guarda louças, abrigando uma imagem do Nosso Salvador ou da Virgem Maria. Esses nichos são adornados com cortinas, fechados por um vidro e, durante a noite, são iluminados por velas e candeieiros. No período matutino, todos os habitantes, ao passar por tais imagens, param e fazem gestos de devoção. No período da noite, os fiéis entoam cânticos em frente a esses oratórios. Os mendigos da cidade praticam uma transação comercial bastante curiosa. A maioria deles traz no peito um crucifixo, que, suponho, deve ser comprado por um pênis; esse objeto, após ser abençoado pelo próprio mendigo, é vendido a um preço tão elevado como se tivesse sido benzido pelo papa. (FRANÇA, 2008, p.326-327).

Os nichos iluminados e as cruzes, aliás, encontravam-se espalhados por toda a cidade e poderiam, não raro, transmutar uma noite qualquer numa noite de espetáculo religioso, individual ou coletivo. O Almirante Arthur Phillip, inglês que se tornaria o primeiro governador da Austrália e que gozava de grande prestígio entre as autoridades portuguesas, atentou para tal aspecto nas suas andanças pelas ruas cariocas, em 1787:

O que neste país mais chama a atenção de um estrangeiro, principalmente de um protestante, é a quantidade prodigiosa de imagens de santos espalhadas pela cidade e a devoção de que são alvo. Essas imagens estão colocadas em quase todas as ruas e os habitantes jamais passam por elas sem fazer uma respeitosa saudação. Durante a noite, os devotos reúnem-se em torno do seu santo de eleição, recitam preces e cantam, em bom som, hinos religiosos. Os costumes dos habitantes, no entanto, segundo se comenta, não faz jus a esse excesso de fervor. (FRANÇA, 2008, p.241).

Um seu subordinado, o tenente W. Tench, também se mostrou atento à sempre mencionada variedade de sinais exteriores de devoção que impregnavam o cotidiano das cidades brasileiras e também concluiu que, mais do que ao exercício da “verdadeira” fé, eles davam azo, numa cidade carente de “vida civilizada”, de “vida em sociedade”, como diziam os visitantes, à festa, à confraternização social:

As igrejas e os conventos são numerosos e ricamente decorados. Quase todas as noites, um desses edifícios é iluminado em honra do seu padroeiro. Esse espetáculo, quando visto do mar, causa uma excelente impressão; da primeira vez que o vimos, julgamos que era uma festa pública. Em quase todas as esquinas, há um pequeno nicho iluminado que abriga uma imagem da virgem, diante do qual os passantes, freqüentemente, param para rezar e cantar em alto e bom som. O zelo religioso, neste lugar, chega a causar algum espanto ao estrangeiro. A maioria dos habitantes parece não ter outras ocupações além de fazer visitas e freqüentar igrejas. (FRANÇA, 2008, p.258).

Quem talvez tenha melhor resumido esse catolicismo espetacular e superficial dos colonos da América Portuguesa – aquele, bem entendido, que os visitantes estrangeiros

enxergaram por estas plagas e deixaram registrado em suas narrativas de viagem – foi um cristão espanhol de nome Juan Francisco de Aguirre. Esse tenente da marinha espanhola, que esteve cerca de 3 meses hospedado no Rio de Janeiro para tratar de um problema de fronteiras, em 1782, pôde, o que era raro na época, estabelecer um contato mais íntimo com os habitantes da cidade e acompanhar mais de perto os seus hábitos, os religiosos inclusive. Depois de tecer longas e pesadas críticas à conduta moral dos colonos, de descrever detalhadamente as muitas igrejas da cidade, de exaltar as suas brilhantes festividades religiosas e de avaliar a qualidade do clero local, Aguirre emite o seguinte parecer acerca das incontáveis mostras de devoção que presenciara no Rio de Janeiro:

A piedade e a devoção são as virtudes dominantes entre os portugueses. Os habitantes do Rio de Janeiro pensam mesmo que não há povo mais devoto em todo o mundo católico. E, a julgar pelas manifestações exteriores de fé, somos obrigados a dar-lhes razão. Grande é a assistência às igrejas, tanto para as orações, como para receber os sacramentos. No interior desses templos sagrados, a tomar pela postura dos fiéis, a devoção e a contrição são enormes. O uso do hábito e do escapulário de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco é bastante freqüente. Como se isso não bastasse, em quase todas as esquinas, há nichos para santos, alguns dos quais tão ricamente decorados que poderiam passar por altares de uma igreja de bom tamanho. Em frente a tais nichos, a partir do anoitecer, vozes descompassadas e atordoantes cantam o rosário. Como afirmei, a tomar pelas manifestações exteriores de devoção os portugueses do Rio de Janeiro são realmente os melhores católicos do mundo. Contudo, tais manifestações nem sempre correspondem à devoção íntima, aos sentimentos que vão na alma [...]. (FRANÇA, 2008, p.221-222).

As observações de Aguirre, é verdade, não acrescentam nada de novo ao que vinha sendo dito sobre a religiosidade do brasileiro, mas constituem uma caracterização modelar. O espanhol, ao longo de sua narrativa, do mesmo modo que a quase totalidade dos visitantes estrangeiros que passou pelo país durante os séculos XVII e XVIII, não deixou de registrar que as cidades brasileiras punham ao dispor dos devotos um arsenal nada desprezível de serviços: as igrejas – grandes e pequenas, ricas e pobres, decoradas e singelas – eram muitas, os colégios e conventos estavam por todos os lados, o clero regular e secular passava do suficiente, as festas religiosas emendavam-se umas às outras, as ruas estavam repletas de oratórios e cruzeiros, os passantes ostentavam dezenas de símbolos religiosos, enfim, nenhuma necessidade de devoção passaria desatendida nas cidades brasileiras coloniais.

Aguirre notou, igualmente – tal como os seus antecessores e sucessores, repetimos –, que o clero, regular e secular, não apresentava uma qualidade lá muito elevada: incultos, devassos, intriguistas, preguiçosos, eis alguns dos adjetivos utilizados pelos viajantes para referirem-se a este clero, um clero muito mais preocupado com as suas privilegiadas condições de sobrevivência do que com a conversão dos nativos ou com a orientação do

seu desvirtuado rebanho. Para mais, cogitam muitos visitantes, como poderia um clero, entregue ao deboche e desconhecedor da palavra de Deus, auxiliar moralmente quem dele precisasse?

O espanhol reparou ainda – atualizando um outro lugar comum das narrativas de viagem sobre o Brasil – que os habitantes, embora à primeira vista se mostrassem devotos ardentes, conduziam-se no cotidiano de maneira muito pouco cristã. É sempre bom recordar que, ao lado da peculiar religiosidade, a crueldade, o ciúme, a ostentação, a preguiça, a luxúria eram outros tantos tópicos acerca dos colonos da América portuguesa constantes nas narrativas de viagem (FRANÇA, 2011). Os brancos, diziam-se cristãos, mas se conduziam como pagãos, sem moral e sem religião, os negros eram convertidos sem nenhum critério e praticavam uma espécie de cristianismo sensualista, quase bárbaro, e os índios, estes há muito tinham sido deixados de lado por aqueles encarregados de convertê-los.

Em síntese, aos olhos de visitantes europeus como Aguirre, a religião dominava todo o mundo social dos colonos, afinal, era nas sucessivas e intermináveis vésperas e matinas, nas festas de padroeiros, nas procissões, nas canções entoadas durante a noite diante dos oratórios espalhados pelas esquinas, nas flagelações públicas (sobretudo diante das amadas), nos casamentos, nos velórios e nos batizados que o colono, o colono das narrativas de viagem – tornamos a lembrar –, tomava ciência das novidades, realizava negócios, arrumava parceiros amorosos, em uma palavra, interagia socialmente. Tão absorvente cristianismo, todavia, cristianismo praticado por homens à primeira vista sumamente devotos, desagradava a tal ponto o paladar do europeu – do católico, do protestante e, para usar uma expressão da época, do livre-pensador – que muitos deles chegaram a asseverar que as práticas religiosas da colônia degradavam a verdadeira – entenda-se europeia – religião católica.

Exageros de visitantes apressados e incapazes daquilo que muito recentemente passamos a denominar relativismo cultural? Talvez, mas isso é de somenos. O certo é que tais opiniões acerca dos colonos, exageradas ou não, alimentaram o repertório intelectual europeu e, em larga medida, condicionaram a ação daqueles homens do Velho Mundo que desembarcaram por aqui. Para mais, é sempre bom lembrar que muitas dessas xeno-impressões sobre a peculiar religiosidade aqui praticada ganharam foros de verdade no discurso da incipiente inteligência brasileira oitocentista e fizeram carreira longa na cultura nacional, atuando forte e decisivamente na maneira como, desde o século XIX, pensamos nós mesmos e a sociedade em que vivemos.

Recebido em 24/9/2010

Aprovado em 9/2/2011

NOTAS

¹ Um bom exemplo da desilusão pode ser encontrado em: NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo sobre a conversão do gentio*. Com preliminares e anotações históricas e críticas de Serafim Leite. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1954.

² Acerca do padroado, ver: BOXER, Charles Ralph. *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: Edições 70, 1989.

³ Desenvolvo longamente este tema no meu livro: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagens dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, Editora da UNESP, 2011 (no prelo).

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *Brasil 500*. Quarenta documentos. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. 350 p.

NÓBREGA, Manuel da. *Diálogo sobre a conversão do gentio*. Com preliminares e anotações históricas e críticas de Serafim Leite. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 1954. 133 p.

BOXER, Charles Ralph. *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: Edições 70, 1989. 155 p.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Outras Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Antologia de Textos (1582-1808). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000. 356 p.

_____. *Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Antologia de Textos (1531-1800). 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008. 346 p.

_____. *A construção do Brasil na literatura de viagens dos séculos XVI, XVII e XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, Editora da UNESP, 2011 (no prelo). 523 p.